

Os Cadernos de Gênero e Tecnologia está completando 10 anos de existência e ainda busca se firmar no meio acadêmico como um espaço fundamental de publicação de estudos realizados no Brasil e no exterior acerca da temática. Sua contribuição na divulgação de estudos sobre Gênero, Ciência e Tecnologia foi destacado pela professora Luzinete Simões Minella da UFSC no artigo *Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?* Publicado nos *Cadernos Pagu* no ano de 2013. Por meio deste artigo evidencia-se que a contribuição dos Cadernos de Gênero e Tecnologia é significativa e sua continuidade fundamental para a construção e crescimento do campo.

Com o intuito de continuar e galgar mais alguns degraus na construção desta escalada publicamos este volume que reúne os números 31 e 32 dos Cadernos. Estes números apresentam um dossiê que reúne trabalhos apresentados do V Seminário Nacional de Tecnologia e Sociedade realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE/UTFPR em parceria com a Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias – ESOCITE-BR realizado na UTFPR de 16 a 18 de outubro de 2013. Uma versão destes artigos foi publicada nos anais deste evento.

Este volume é composto por nove artigos que abordam temas variados, porém todos relacionados com a área temática do periódico.

Abrimos esta publicação com a contribuição de Elza Ferreira Santos com seu artigo intitulado *Educação profissional e mercado de trabalho: uma investigação a partir das/dos jovens do IFS*. Nele a autora aborda as expectativas que jovens brasileiros tem acerca do mercado de trabalho. A autora argumenta que os/as estudantes têm pouco conhecimento acerca das variadas profissões que podem exercer quando adultos. Ressalta que

Os pais e mães, muitas vezes, por desconhecimento ou por falta de interesse ou por conta de sua formação pouco apresentam aos filhos e filhas a diversidade de profissões. As escolas quando apresentam as profissões aos/as discentes, não raro, expõem as convencionais.

A autora baseou suas análises em dados coletados por meio de grupos focais. Nas falas dos/as discentes pode-se perceber visões diferentes por parte de meninas/mulheres e meninos/homens fato que enriquece a pesquisa. A diferença de modos de perceber o mundo do trabalho demonstra a diversidade de expectativa e de formação, embora estejam estudando na mesma instituição. A autora percebe ainda a existência de preconceitos que se tornam visíveis nos depoimentos dos/as estudantes. Elza conclui seu artigo afirmando que “possivelmente, muitos preconceitos relacionados a gênero passam despercebidos na escola e na empresa, mas talvez seja na escola em que se deva primeiro perceber as artimanhas de exclusão e lutar contra elas”.

No próximo artigo as autoras Nadia Terezinha Covolan e Maria Lúcia Buher Machado nos brindam com o artigo intitulado *Gênero, ciência, tecnologia e desenvolvimento: as concepções dessas categorias nos documentos fundantes do PROEJA*. Nele as autoras fazem uma leitura com as lentes de gênero de tais documentos e, já no resumo, nos indicam o caminho e a percepção delas acerca da temática quando argumentam

sobre as possibilidades e limites do PROEJA especialmente para as mulheres, porque estas somam as desigualdades de oportunidades para formação escolar e profissional com as assimetrias de poder nas relações de gênero, o que compromete o acesso mais equitativo a técnicas e tecnologias libertárias e aos bens socialmente construídos.

As autoras apresentam um breve histórico sobre o Proeja, projeto importante para a educação brasileira. Apontam ainda que os documentos fundantes do PROEJA, embora aborde a temática de gênero não apresenta de forma explícita um conceito de gênero. Destacam ainda que o campo de Ciências, Tecnologia e Gênero é recente na história brasileira e reforçam que “a Ciência e as tecnologias constituem cada vez mais a cultura contemporânea e embasam a economia e o desenvolvimento das regiões e do país”. Concluem afirmando que

não obstante o documento PROEJA 2007 apresente concepções emancipatórias em relação ao gênero, este ainda se encontra no texto oficial, não como uma categoria permeando as análises, porém, mais como uma concessão, fruto da exaus-

Na sequência apresentamos a contribuição de Lindamir Salete Casa-  
grande e Marília Gomes de Carvalho com o artigo *Relações de gênero nas  
aulas de matemática: perceptíveis ou ocultas?* Neste artigo as autoras apre-  
sentam uma parcela dos resultados da pesquisa que resultou na tese *Entre  
silenciamentos e invisibilidades: relações de gênero no cotidiano das aulas  
de matemática* defendida em dezembro de 2011. As autoras analisam as  
relações entre meninos e meninas de quatro turmas do ensino fundamental  
de 5ª a 8ª série. Perceberam que há uma separação de meninos e meninas  
em uma espécie de “clube do bolinha” e “clube da luluzinha” durante as  
brincadeiras realizadas no decorrer das aulas. Destacam que as relações  
de gênero eram quase imperceptíveis para os/as docentes e discentes par-  
ticipantes da pesquisa. Destacam que tais relações eram “tão naturais que  
se tornavam quase imperceptíveis e silenciadas por todos/as os/as partici-  
pantes da pesquisa”.

As meninas eram silenciadas e se calavam durante as aulas. Ressal-  
tam que “As meninas são silenciadas ao não serem percebidas nem ouvi-  
das pelos professores/as e ao serem descritas como mais obedientes pelos  
discentes, se silenciam ao aceitarem esta situação e ao deixar de tentar se  
mostrar, se impor”. Concluem afirmando que “as relações de gênero se fa-  
zem presentes no cotidiano escolar, entretanto não são percebidas ficando,  
desta forma, ocultas, silenciadas, invisíveis, negligenciadas.”

Na sequência apresentamos o artigo sob o título *As identidades de gê-  
nero no espaço cênico La piel que habito de Pedro Almodóvar* de autoria  
de Guaraci da Silva Lopes Martins e Tânia Rosa F. Cascaes. Neste artigo  
as autoras apresentam uma discussão acerca do filme *A Pele Que Habito*  
de Pedro Almodóvar. Justificam a escolha desta obra pelo fato dela “tratar  
sobre configurações de gênero que desestabilizam a regulação binária da  
sexualidade pautada nas distinções anatômicas dos corpos”. Baseiam suas  
análises nas construções das identidades por considerar que estas são alvo  
de estereótipos de masculinidades e feminilidades. Com base na obra as  
autoras refletem acerca de como as identidades fixas de gênero podem ser  
modificadas e concluem afirmando que

Considera-se fundamental pensar em mulheres e homens, na sua pluralidade, lembrando que a subversão de conceitos pautados na ideia singular de masculinidade e de feminilidade culmina na inclusão das múltiplas formas de constituição dos sujeitos nas variadas esferas sociais

A contribuição de Marcia Beraldo Lagos, Frank Silvano Lagos, Nilvânia Aparecida Mello e Hieda Maria Pagliosa Corona no artigo *A perspectiva de gênero na construção da sustentabilidade* é uma análise sobre o processo de desenvolvimento sustentável no qual a participação das mulheres vem ganhando espaço e importância na sociedade atual. O grupo responsável por este artigo apresenta uma breve definição de sustentabilidade para posteriormente lançar o olhar para a participação feminina neste processo. Resaltam a contribuição histórica das mulheres para a preservação do meio ambiente destacando dentre estas mulheres

Rachel Carson, bióloga marinha, autora do livro “Primavera Silenciosa”. Obra de 1962, que contribuiu com o início do movimento ambientalista, com a denúncia dos efeitos danosos ao ambiente do DDT, pesticida que vinha sendo pulverizado em larga escala, principalmente nas lavouras americanas, provocando enormes impactos ambientais e na saúde humana.

Concluem o artigo sugerindo que para compreender a questão de gênero e meio ambiente faz necessário estudar outros fatores que contribuem para a submissão das mulheres ou que atingem de modo mais intenso a elas como por exemplo “feminização da pobreza, observada na crescente proporção de mulheres em situação de pobreza; a desigualdade no acesso à educação e à capacitação; a desigualdade no acesso aos serviços de saúde” dentre outras. Finalizam o artigo afirmando que

emerge a importância da educação ambiental e a inclusão da perspectiva de gênero nos processos educativos, propondo a construção de novas relações a serem estabelecidas entre homens e mulheres nas sociedades e das sociedades com a natureza. O desafio maior consiste na definição de quais novos conhecimentos, habilidades e atitudes são necessárias incluir nos processos de educação ambiental para se atingir este pressuposto.

Nabylla Fiori de Lima e Gilson Leandro Queluz nos brindam com o artigo intitulado *A família como tecnologia política no fortalecimento do esta-*

do *integralista* com uma reflexão acerca daquele tema e daquele período. Detém suas análises na obra de Plínio Salgado, de modo especial na sua “argumentação acerca do papel da mulher na construção do Estado”. A autora e o autor fazem uma passagem pela teoria do estado integralista trazendo um breve panorama histórico. Destacam que “Na família integralista, homens e mulheres recebiam funções diferentes, reproduzindo a lógica da divisão sexual entre espaço público (destinado aos homens) e privado (às mulheres), que teve o seu ápice no século XIX na Europa Ocidental (PERROT, 2005, p.122).” Na sequência das análises concluem que

Sendo a família um dos principais focos da atuação do Movimento Integralista, e sendo a mulher a principal responsável pela manutenção da família, concluímos que a importância das mulheres na construção do Estado Integral é de grande força. São elas que formam as massas integralistas e as elites, inclusive na exaltação de valores como a obediência e a disciplina.

O artigo *Gênero e Mídia: feminismo e o jornalismo da revista Realidade durante o regime militar (1966-1976)* de autoria de Felipe Araújo e Nanci Stancki da Luz apresenta uma reflexão “sobre as especificidades do feminismo no Brasil, tentando demonstrar o quanto a Realidade dialogava com as demandas das questões que envolviam a dominação masculina e a submissão da mulher.” O autor e a autora transitam pela sociedade patriarcal buscando identificar como a revista Realidade apresenta a condição da mulher naquela época e, posteriormente abordam a questão do feminismo e a crise da sociedade patriarcal. Argumentam ainda que

podemos entender a editoria da Realidade como à frente das discussões, mesmo aquelas encabeçada pelas feministas. Conectados com o mundo, informados sobre o que se passa comunicacionalmente no hemisfério norte, os repórteres da Realidade estão interessados no comportamento das mulheres com relação a seus maridos, mas também da juventude que deseja uma mudança comportamental no tocante à sexualidade.

No capítulo que encerra este número, intitulado *Representações de tipos de feminilidades e masculinidades em Games: identidades de gênero e estereótipos*, Juliana Saldanha Romanus e Marinês Ribeiro dos Santos apresentam sua análise com base em jogos virtuais e destacam que “Os

games são parte integrante da cultura visual e possuem um papel importante nas práticas de significação e posicionamento de sujeitos”. As autoras destacam que no jogo *Tomb Raider* a personagem Lara Croft sofreu uma sensualização de seu corpo no passar das versões do jogo. Destacam que

A imagem da personagem remete ao tipo de feminilidade ideal, de acordo com uma abordagem baseada no imaginário masculino hegemônico. Além disso, mesmo sendo uma aventureira, Lara Croft usa roupas curtas e pequenas, que favoreçam a evidência das curvas de seu corpo. Durante o jogo são feitos diversos closes no decote da personagem.

Destacam que um fã do jogo criou uma versão masculina da personagem, que também expunha o corpo com vestes pequenas. Ressaltam que “a partir do contraste com versão masculina da personagem, o olhar treinado para aceitar apenas a imagem feminina com certo tipo de corpo, vestes e comportamento pode ser questionado.” Afirmando ainda que “Historicamente, no mundo dos *games* há uma recorrência da representação de personagens femininas sexualizadas.” Finalizam com a afirmação de que “representações estabelecem as características do “feminino” associadas principalmente à sensualidade e nudez, definindo o estereótipo do corpo feminino sexualizado.”

Com estes artigos fechamos este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia esperando contribuir com as discussões acerca de gênero e tecnologia. Desejamos que as discussões aqui apresentadas possibilitem o vislumbamento de novas perspectivas de análise dos objetos de estudos nos mais variados campos. A questão de gênero se faz presente nos mais variados campos do conhecimento e perpassam todas as situações do cotidiano. Abordá-las ou não em pesquisas acadêmicas é uma decisão pessoal, porém se torna mais frequente quando se está sensibilizado/a para a temática.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura.

Lindamir Salete Casagrande

Nanci Stancki da Luz

Editoras